

Cecília Meireles cronista-viajante: um olhar lírico sobre portugal

Cecília Meireles chronicler-traveler: a lyrical view about portugal

Karla Renata Mendes*

Resumo: Cecília Meireles é reconhecida por sua obra poética, sendo destacada como um dos principais nomes da poesia brasileira. Todavia, a autora possui também uma vasta produção em prosa, composta por uma variedade de crônicas, ensaios, artigos, conferências, entrevistas, ainda não totalmente conhecidas pelo público e pela crítica. O presente artigo se propõe a investigar uma das vertentes da crônica cecilianiana – os relatos de viagem. Tratam-se de textos que revelam uma Cecília Meireles viajante pelos mais diferentes lugares do mundo, em contato com diferentes culturas, povos, experiências. Mas as crônicas de viagem da autora conseguem ir mais além da simples descrição de situações e revelam ao leitor um olhar mais lírico, subjetivo e reflexivo, apresentando-se ainda como uma maneira de meditar sobre a própria condição humana. Assim, procura-se evidenciar como se dá construção do relato de viagem ceciliano em uma crônica sobre Portugal, país com o qual a autora sempre manteve relações amistosas e que se destaca como o berço de sua ancestralidade.

Palavras-chave: Cecília Meireles. Crônica de viagem. Portugal.

Abstract: Cecilia Meireles is recognize for her poetic work, and is one of the main names of brazilian poetry. However, the author also has a vast prose production, compound by a variety of chronicles, essays, articles, conferences, interviews, not totally known by the public and critic. This present article intents to investigate one of the versants of cecilian's chronicles - the travels reports. They are the texts which reveal a peregrine Cecilia Meireles in different places from the world, in contact with different cultures, folks, experiences. But the author's travel chronicles can go beyond the simple description of situations and reveal to the reader a more lyrical, subjective and reflexive look, presenting itself too as a reflective manner about the own human condition. So, it intends to evidence how the cecilian travel report is built in a chronicle about Portugal, a country with whom the author always kept friendly relationships and it is the "cradle" of her ancestry.

Key-words: Cecilia Meireles. Travel chronicle. Portugal.

* Mestre em Letras. Universidade Federal do Paraná. Contato: krmendes@yahoo.com.br

1 Introdução

1.1 A gênese da crônica: o tempo além da etimologia da palavra

Ao longo da história literária brasileira, assistiu-se à ascensão da crônica como um gênero eminentemente descompromissado, descontraído, um “recorte” do cotidiano. Atrelada ao jornal, a crônica tematiza acontecimentos corriqueiros, dispensa uma linguagem mais elaborada na tentativa de uma maior aproximação com o leitor, trata os assuntos sob um viés crítico, com humor, lirismo, ironia, segundo critérios do cronista. Mas essa liberdade e o aparente tom superficial nem sempre se apresentaram como características positivas, e até pouco tempo, a crônica era vista como um gênero “menor”. Tal desvalorização é percebida, por exemplo, quando se observa que a crônica só passou a ser pesquisada em larga escala a partir da década de 80, quando parece ter alcançado com mais ênfase o estatuto de texto literário.

Apesar de ainda persistirem visões reducionistas da crônica, vê-se que cada vez mais ela é percebida como uma manifestação literária, digna de figurar como objeto de estudo. A perenidade alcançada quando os textos passam a integrar livros e supera-se o estigma da brevidade jornalística (meio a que, na maioria das vezes, originalmente se destina), a circulação e consequente popularização de crônicas em grandes periódicos nacionais e a preocupação estética de muitos cronistas em aperfeiçoar os recursos utilizados na tessitura do texto, são alguns dos fatores que colaboraram para isso.

Percebe-se também que a crônica tem perdido sistematicamente sua condição de “subgênero” a partir do momento em que se percebe que o texto cronístico não deve ser subestimado por tratar de fatos do dia-a-dia. Ao contrário, as “trivialidades” cotidianas podem servir de pretextos para reflexões mais profundas e para dar vazão à subjetividade e criticidade do cronista. É dessa forma que a crônica acaba por superar o imediatismo da notícia de jornal, do fato por si só, e torna-se retrato da situação humana, da realidade presentificada em um determinado tempo. Como afirma Eduardo Coutinho (2006, p.51),

[...] em sua aparente simplicidade e com a atenção voltada para o “miúdo” da vida, o cronista vai retratando o espírito de seu tempo, e oferece ao leitor fragmentos metonímicos de sua situação no mundo. Seu universo, composto de fragmentos, se estende do registro do voo

de um pássaro ou do desabrochar de uma flor à mais densa reflexão sobre o estar no mundo, e com sua pena ele constrói, como um *flâneur*, a memória de seu tempo e lugar.

Talvez por sua condição de “monumentalizar o cotidiano” (NEVES, 1995, p.25), a crônica tenha adquirido tanta popularidade desde o século XIX. Muitos são os escritores adeptos do gênero, poucos os que assumiram tal ofício como única atividade literária, mas vários os que o desenvolveram paralelamente à escrita de romances ou poesia. Um dos nomes que compõem o *hall* de cronistas da literatura brasileira é Cecília Meireles, poeta consagrada, mas que possui também uma vasta produção cronística. Trabalhando ativamente em vários periódicos brasileiros, estima-se que a obra em prosa de Cecília Meireles ultrapasse duas mil e quinhentas crônicas, escritas entre os anos de 1930 e 1964.

Tais crônicas, junto a uma centena de outros textos em prosa (conferências sobre literatura, estudos sobre folclore, ensaios), apenas recentemente começaram a ser publicados. Alguns textos de Cecília foram editados em livro na década de 80, mas somente há pouco mais de dez anos houve um verdadeiro interesse em organizar e trazer à tona o conjunto de sua obra em prosa. A grande variedade desses textos fez com que o projeto inicial de publicação fosse estimado em cerca de 25 volumes. Até a presente data, a publicação, iniciada em 1998, proporcionou o acesso a nove livros de crônicas, sendo um de crônicas em geral, três de crônicas de viagem, cinco de crônicas de educação e folclore. (AZEVEDO FILHO, 2007, p. 271-79).

É curioso pensarmos no projeto estético e literário ceciliano iniciado com a publicação de *Espectros* em 1919 e a relação que tal ideário mantém com sua publicação em prosa. É preciso atentar para o fato de que a crônica deixa transparecer na própria etimologia da palavra, uma parte de sua essência, já que proveniente do grego *chronikós*, a designação sempre manteve correlação com a palavra “tempo” (*chrónos*). O tempo está intimamente imbricado no tecido da crônica, afinal ela é o registro do efêmero, do passageiro, de uma determinada época que logo se tornará passado. Apesar disso, o texto cronístico trava uma verdadeira batalha, pois quer “vencer a dimensão do tempo pela criação” (SZKLO, 1995, p. 90), quer tratar do efêmero, mas com vistas a permanecer, como atesta Flora Bender, “[...] tornar o transitório definitivo é a essência da crônica”. (BENDER, 1993, p. 59).

A obra de Cecília Meireles também é marcada pelo conflito com o tempo, dois pólos distintos (o efêmero e o eterno) marcam as tensões presentes

em sua poética. A consciência de que a vida se escoia, de que tudo fenece, e ao mesmo tempo uma tentativa de encontrar elementos que resistem e se eternizam, são constantes em sua literatura. Como afirma Darlene J. Sadlier (2007, p. 257), “Cecília talvez seja a poetisa da sua geração que mais trabalhou com o tema do tempo, e, de certa maneira, sua obra inteira talvez possa ser lida como um comentário sobre o fugaz e o eterno, ou seja, aquelas ‘coisas fugidias’ cuja frágil existência é transformada no eterno pela memória e pelo verso”.

Captar as “coisas fugidias” e eternizá-las pela palavra, sobrepujar a inconsistência da vida e dos fatos, reter o tempo através da arte, buscar o eterno no efêmero, são pontos que dada as devidas diferenças, unem a essência da crônica à essência da obra de Cecília Meireles. Tal proximidade ideológica contribuiu para a atividade da poeta como cronista, e para a criação de textos que preservam o estilo e a filosofia literária de Cecília. A crônica por si só estabelece uma relação intrínseca com a temporalidade, e quando se trata de Cecília Meireles, tal relação apenas se adensa. Tendo erigido sua obra poética sob o signo das tensões temporais, a crônica cecilianiana também traz à tona tais tensões.

Assim como o cronista precisa articular em seus textos inúmeros elementos que transformem a notícia, o trivial, o cotidiano em material literário e perene, também Cecília Meireles empreende em suas crônicas (principalmente as agrupadas sob o signo da *viagem*) uma tentativa de equilibrar o efêmero e o eterno. Ainda consciente da brevidade das coisas, da passagem veloz do tempo, a autora busca em seus textos em prosa, registrar as tentativas de encontrar aquilo que resiste à corrosiva ação dos anos. Essa busca leva a cronista a alcançar novos níveis de percepção da realidade, sempre amalgamada pela subjetividade do olhar, pelo lirismo e artesanaria poética.

Constata-se assim que entre Cecília Meireles e a crônica há mais imbricações do que à primeira vista se podia pensar. Se a crônica mantém uma relação indissociável com a temporalidade, seu projeto literário também manteve. Se a crônica procura o eterno no efêmero, se quer tentar vencer o tempo e seu caráter destruidor, isso também foi um procura cecilianiana. Nada mais justo do que evidenciar essa relação, tentando entender com mais precisão a escritora completa que foi: poeta da mais alta categoria, mas também uma grande prosadora, responsável por um legado de textos que traduzem a gênese da crônica e ajudam a revelar um pouco mais sobre seu próprio fazer literário.

2 As viagens de Cecília Meireles: lirismo e contemplação

No poema *Le Voyage*, Charles Baudelaire (2007, p. 122) busca uma definição do que seja o viajante, tentando explicar as motivações que o impelem a partir, ele afirma: “*Mais les vrais voyageurs sont ceux-là seuls qui partent / Pour partir; coeurs légers, semblables aux ballons, / De leur fatalité jamais ils ne s’écarterent, / Et, sans savoir pourquoi, disent toujours: Allons!*” O viajante baudelairiano, que parte pelo simples desejo de partir, que tem uma direção incerta como a dos balões, e que sem temores mas confiante sempre está pronto para ir, lembra-nos a viajante Cecília Meireles. Não que as viagens da poeta brasileira não tivessem razões concretas, quase sempre Cecília visitava lugares a trabalho ou acompanhando o marido, mas a sua alma viajante (como ela mesma se definia, diferenciando-se de uma turista) mantinha-se ligada a um espírito livre e sensível. Buscando fugir de itinerários pré-estabelecidos, seguindo o impulso profundo do “vamos” baudelairiano, Cecília Meireles entregava-se a uma contemplação mais subjetiva dos lugares, procurando apreender e revelar características ainda não desvendadas por olhos mais desatentos.

Suas crônicas de viagem desnudam um olhar sempre atento à realidade circundante, que ia além do visível e perscrutava os espaços mais recônditos em busca de uma observação diferenciada. Muito mais do que retratarem as impressões da escritora ao longo de suas incursões por regiões da Europa, Estados Unidos, México, Israel, Índia, seus textos revelam uma autora que consegue ir além da mera descrição de lugares e pessoas. As reflexões cecilianas mostram toda a riqueza da experiência humana mais intensa vivida a cada nova viagem, como afirma Alfredo Bosi (2007, p. 20), “[...] vale a pena viajar com Cecília. Ela viu, como poucos em nosso corpus poético, cidades e paisagens, cenas de rua ou simples instantâneos, com um frescor de impressões e um raro discernimento antropológico na percepção de outras culturas.”

A percepção antropológica da autora, como destaca Bosi, traduz-se em seus relatos de viagem e asseguram muito da essência desse tipo de narrativa. É sabido que tais relatos, como afirma Tzevan Todorov (1999, p. 22), “[...] existem desde sempre... ou pelo menos desde Heródoto”, isso porque, as narrativas de expedições marítimas, conquistas de territórios, desbravamento de terras desconhecidas, contato com outros povos e culturas, fossem ficcionais ou reais, sempre fizeram parte de nossa cultura. O que se observa, no entanto, é que esse tipo de texto passou por inúmeras transformações ao longo do tempo.

Como atesta Sandra Nitrinni (1998, p.51-52), até o século XVI, a narrativa de viagem tinha o caráter de descoberta e aventura, nela o mundo exterior e seu (re) conhecimento seriam o alvo principal, fator esse, substituído a partir de então pela “[...] narrativa de uma experiência, que colocaria o viajante no centro de suas preocupações. [...] seu propósito não é mais apresentar um universo mais ou menos novo e desconhecido, mas o de dar conta dos ecos deste universo na individualidade que viaja e observa”. Assim, a partir do século XIX e XX, a narrativa de viagem não se vê mais atrelada somente à historiografia e à cosmografia, mas pode desenvolver-se paralelamente à literatura, ao diário íntimo ou a própria ficcionalização dos fatos. Dessa forma, como afirma Nitrinni (Idem), das

[...] viagens de descoberta, de exploração e de aventura que tiveram suas repercussões num determinado perfil do gênero literatura de viagem, passou-se para a viagem centrada numa experiência individual do sujeito viajante, o que dará lugar a uma poética de impressões subjetivas e evocações, explicada, entre outras coisas, pela facilidade de transporte e comunicações [...].

O relato de viagem ceciliano não se furta a ser perpassado por esse caráter individual, é possível perceber que a experiência de viagem relata por Cecília é única, ela apresenta uma visão muito particular dos lugares que visitou. Sua percepção, sempre amalgamada por um tom mais poético e lírico, fez com que suas crônicas de viagem se transformassem em verdadeiros poemas em prosa. Textos em que um “eu lírico” em deambulações por determinados lugares se propõe a registrar as “impressões subjetivas” de que fala Nitrinni, as sensações e emoções despertadas em cada lugar, o que lhe agrada ou desagradava, o que lhe emociona ou choca, num exercício de revelar a si mesma enquanto revela ao leitor o “outro”, o novo ou desconhecido.

Ao mesmo tempo em que apreende a realidade circundante em suas mais variadas esferas, as viagens cecilianas são uma motivação para o surgimento de reflexões mais profundas, como a própria existência, a passagem do tempo, a efemeridade de tudo. Além de buscar o encontro com o outro, com o diferente, o viajante busca também o encontro consigo mesmo quando reflete sobre suas próprias inquietações. Para Octavio Ianni (2000, p. 26), essa é uma das características da viagem, segundo ele

a viagem pode ser uma longa faina destinada a desenvolver o eu. As inquietações, descobertas e frustrações podem agilizar as potencialidades

daquele que caminha, busca ou foge. Ao longo da travessia, não somente encontra-se, mas reencontra-se, já que se descobre mesmo e diferente, idêntico e transfigurado.

Assim, cada viagem apresenta-se como uma oportunidade de deparar-se com novos aspectos do mundo, refletindo sobre questões até então não pensadas, e paralelamente, de descortinar novos olhares sobre temas já recorrentes. Inquietações existenciais, reflexões sobre o tempo que a tudo corrói, a brevidade da vida, a eternidade alcançada pela arte, a identificação com elementos como o mar, o vento e as nuvens são alguns exemplos de recorrências que aproximam a poesia e a prosa ceciliana de forma indissociável. Diante de tais características, pode-se afirmar que as crônicas de viagem de Cecília Meireles, além de registrarem descrições de lugares, pessoas, hábitos e culturas, eternizam também uma viagem superior à viagem física, “[...] a viagem espiritual de Cecília (que) faz-se pelas palavras, pela consciência do tempo, que lhe interessa muito mais que a paisagem concreta que observa.” (GOUVEIA, 2007, p. 114).

Um dos destinos caros à poeta, e que se lhe apresenta também como uma “viagem espiritual” por lhe aproximar de suas raízes familiares, por lhe reavivar o lirismo mais puro, é Portugal. País com o qual sempre manteve uma proximidade, reforçada ainda mais pelas origens portuguesas de seus avós e mãe nascidos nos Açores. Tendo perdido os pais ainda muito cedo, Cecília foi criada pela avó materna, e cresceu ouvindo histórias da ancestralidade portuguesa e sendo familiarizada com as tradições lusitanas. Quando, em 1922, Cecília casou-se com Fernando Correia Dias, artista português, seu interesse e a vontade de conhecer o país de sua família e de seu marido só aumentaram.

Ao longo de sua carreira literária, as relações com Portugal estreitaram-se ainda mais. Cecília havia estabelecido inúmeras amizades com escritores e artistas portugueses, e pode-se dizer que, em Portugal, a obra poética de Cecília já era admirada e respeitada pela crítica, antes mesmo do pleno reconhecimento no Brasil. Da mesma forma, a autora tinha grande interesse pela poesia produzida em Portugal, sendo provavelmente uma das primeiras admiradoras de Fernando Pessoa no país, e atuando na divulgação na poesia portuguesa, chegou a conceber a antologia *Poetas novos de Portugal*.

Finalmente, foi no ano de 1934 que Cecília Meireles, ao lado do marido Fernando Correia Dias, viajou pela primeira vez a Portugal. As principais motivações para o deslocamento foram o aceite de Cecília ao convite de realizar

conferências em Universidades do país, a incumbência de enviar crônicas aos jornais *A Nação* (Rio de Janeiro) e *A Gazeta* (São Paulo), e o fato de que faria 20 anos que Fernando emigrara para o Brasil. Ambos concordavam que era o momento de regressar para visitar familiares e amigos. (cf. GOUVÊA, 2001, p. 30). O casal permaneceu cerca de dois meses no país, e dentre os acontecimentos de destaque está o desencontro entre Cecília Meireles e Fernando Pessoa, fato que muito a frustrou. Também por ocasião dessa viagem, Cecília fortaleceria ainda mais a amizade com vários portugueses, entre poetas, ilustradores, críticos, artistas plásticos.

A segunda grande passagem da autora por Portugal seria em 1951, já acompanhada do segundo marido Heitor Grillo. Durante a estadia de aproximadamente três meses no país, Cecília teve a oportunidade de realizar um de seus maiores desejos: conhecer os Açores, especialmente a Ilha de São Miguel. Em sua rápida passagem pela ilha, Cecília visita o distrito de Fajã de Cima, onde seus avós haviam nascido, casado e vivido, e onde nascera sua mãe. Também é resultado dessa viagem e da pesquisa realizada pela poeta o surgimento da obra *Panorama Folclórico dos Açores, especialmente da Ilha de São Miguel*.

Depois de 1951, as visitas de Cecília a Portugal seriam mais rápidas e quase ocasionais, em dezembro de 1952, quando viajava para a Índia, Cecília acabou fazendo uma escala em Lisboa encontrando rapidamente alguns de seus amigos. Em julho de 1953, Cecília e Heitor Grillo voltam a Lisboa, de onde regressariam ao Brasil. Visitam o Alentejo, e a poeta encontra-se em Lisboa com Vitorino Nemésio. E em março de 1958, voltando de viagem a Israel, o avião da escritora faz uma aterrissagem imprevista em Lisboa. Essa seria a última vez em que ela pisaria em solo português.

Ao destacar a importância de Portugal para Cecília Meireles, Miguel Sanches Neto (2001, p. XLIV) afirma que o país significava para a autora um

[...] país-tronco, que é uma espécie de *lá* histórico e físico, e o *lá* místico de que vem tratando a poeta. Mas Portugal ainda está presente num dos sentimentos primordiais de Cecília Meireles, a saudade – sentimento relacionado ao declínio do poderio marítimo do império luso, ao qual ela dá uma significação mais profunda.

Sendo Portugal um lugar com o qual Cecília identificava-se de maneira profunda, o qual lhe aguçava a sensibilidade, não causa espanto que as crônicas de viagem resultante de suas passagens pelo país sejam carregadas pelo signo da subjetividade, do lirismo reflexivo, da poeticidade. Na tentativa de melhor exemplificar tais aspectos, inclusive algumas características da crônica de viagem ceciliana, analisaremos aqui o texto “Evocação lírica de Lisboa”, publicado em 1947, no *Jornal de Notícias*.

3 Cidade ceciliana: subjetividade e memória na representação de Lisboa

Compilada no primeiro volume de textos de viagem, a crônica “Evocação lírica de Lisboa” traz como data de referência de sua publicação o dia 30 de dezembro de 1947. Se recordarmos que a primeira grande viagem de Cecília a Portugal ocorreu em 1934, e a segunda só aconteceria em 1951, perceberemos que o texto encontra-se numa espécie de “hiato temporal”, já que 13 anos haviam se passado desde a primeira vez que Cecília visitara as terras lusitanas. Porém, tal característica não causa espanto se atentarmos para o fato de que, como o próprio título já acusa, trata-se de uma *evocação* de Lisboa, uma rememoração das principais impressões da viagem. Talvez por isso, a crônica se torne ainda mais subjetiva, (quase uma “crônica-poema”) afinal, não se tratam de registros fiéis de uma realidade presentificada há pouco, mas sim uma verdadeira escavação nas memórias da viagem.

Cecília Meireles, a “grande recordadora” como afirma Alfredo Bosi (2007, p. 16), utiliza-se então da memória que “[...] reúne e concentra o que o tempo já dispersou ou dissipou” para descrever e matizar Lisboa através de seus olhos de viajante. E assim, somente aquilo que mais a sensibilizou, o que lhe tocou mais fundo na alma, pode ser reavivado no texto. E como seria possível que memórias tão profundas fossem ativadas de maneira objetiva, puramente racional? É por tudo isso que ao longo da crônica, sentem-se ecos de um lirismo profundo, percebe-se toda a subjetividade e poeticidade com que o texto é trabalhado.

Procedendo a uma análise mais detalhada, poderíamos afirmar que da maneira pela qual o texto é estruturado, acaba ganhando uma espécie de “divisão”, que faz com que, a cada momento, Cecília se detenha sob um aspecto de Lisboa de forma mais minuciosa. Colabora para essa estruturação

interna da crônica, o fato de que ela se refere à cidade abordando-a em todas as etapas do dia, desde o nascer do sol até o escurecer, o que oferece matizes, cores, características diferenciadas a cada “movimento” textual.

Como já mencionado, a crônica inicia-se com o despertar do dia em Lisboa: “Acordas num lugar de brumas: brumas azuis e cor-de-rosa. Não tens certeza do céu, mas sentes em redor de ti um arejado bocejo d’ água. Dizem-te: LISBOA.” (MEIRELES, 1998, p. 231). E aqui se inicia, num primeiro momento do texto, uma espécie de louvor ao mar, às águas, aos rios. Como Portugal sempre será o país das grandes navegações, o *eu lírico* rende uma homenagem ao mar e a sua onipotência sobre todas as outras coisas:

Obrigam-te a chegar perto, a pisar um chão que não sabes bem se existe: e em tudo percebes a respiração e o alimento do mar. (...) Por toda parte sentes o cheiro da água, o apelo à navegação, um chão mole de praia próxima, um desejo de desprender velas. (...) Mesmo se te levarem a Sintra, se te afogarem em árvores, é a transparência das águas que estás sentindo através das largas folhas, é o capricho das espumas que vês brilhar frouxamente na vaga inflorescência. (Ibidem, p. 231-32)

Além da indissociável referência à relação de Portugal com o mar, não se pode esquecer também da fundamental importância que tal elemento sempre teve dentro da poética ceciliana. Como afirma Ana Maria Domingues de Oliveira (2007, p.195), na poesia de Cecília Meireles, o mar é

[...] símbolo sobretudo de integração com o cósmico, mas é também uma representação da dialética efemeridade/eternidade. A onda, a espuma, a areia, são sempre símbolos do passageiro [...] A vastidão dos oceanos, sua ancestralidade, o movimento perpétuo das ondas, por sua vez, representam a eternidade.

Assim, a presença soberana do mar remete também à própria ancestralidade da poeta, como afirma no poema “Beira-mar” (*Mar Absoluto e outros poemas*), “[...] isto é mal de família, / ser de areia, de água, de ilha...” (MEIRELES, 2001, p. 488). Reforçando assim a ideia de que, se a vida é marcada pela brevidade, pela morte, pela dissolução, alguns sentimentos, as raízes históricas e familiares podem ser uma afirmação do eterno, da resistência à passagem do tempo. No mesmo poema, a atração pelo mar é explicada pela poeta como uma espécie de vaticínio, um destino a ser cumprido, um fado ao qual não se pode escapar: “E até sem barco navega / quem para o mar foi fadada / Deus te proteja, Cecília, / que tudo é mar – e mais nada.” (Ibidem, p. 488-89).

Após louvar o mar e as águas lusitanas, a crônica entra em um segundo momento no qual se perseguem os ecos do passado grandioso de Portugal. Aqui, as impressões registradas carregam o signo da atemporalidade, o passado interpenetra o presente, o que existe no “agora”, está numa relação de interdependência com o que aconteceu “ontem”:

Mostram-te museus onde há coches para rodar pelo mundo da mitologia, tapetes para te fazerem esquecer as histórias da gente de hoje, sem mistério; panóplias para te sugerirem uma nova conquista do mundo; e saís de tanta riqueza e tanto sonho como sob um malefício, e vais à procura dessas vielas sujas [...] vielas que cheiram duramente a coisas podres, onde crianças, sarapintadas de lama, rolam pelas pedras com uma alegria intemporal, um movimento sonhado, um entendimento sem palavras; e vês por cima da tua cabeça roupas que não pertencem a nenhuma época, estendidas de uma casa para outra, como se não pertencessem também a dono certo. E perguntas que gente pode viver por aí, e és atravessado por um sentimento estranho, de desgraça e grandeza, como se não pudessem viver de outra maneira os netos dos heróis, essa raça desprendida das leis humanas, retalhadas de acasos, exposta cada dia à morte [...] (MEIRELES, 1998, p. 233).

As marcas deixadas pelas conquistas, pelas vitórias, pela grandiosidade histórica de Portugal ecoam por toda Lisboa. Penetrando no reino “encantado” dos museus, nos quais o passado resiste por meio de objetos, ou passeando pelas vielas que, apesar da contrastante simplicidade, são habitadas pelos “netos dos heróis”, a grandeza lusitana se faz sentir. É possível também perceber como as relações temporais tornam-se mais complexas, imprecisas: a alegria das crianças é “intemporal”, as roupas no varal “não pertencem a nenhuma época”. Assim, percebe-se que o presente só adquire sentido quando relacionado com o passado, criando-se então quase que um tempo indefinido, ou universal, o que para Alfredo Bosi (2007, p. 21) seria uma característica pura do “*sentimento do tempo* de Cecília”, que coincidiria com um desejo de “suspensão do próprio tempo”.

Essa procura pelo passado que se manifesta no presente é um procedimento que aparece em inúmeras crônicas de viagem de Cecília Meireles. Ainda segundo Bosi (Ibidem, p. 26), Cecília é a viajante que sempre “[...] contempla o presente com os olhos de quem entrevê o passado remoto que se esvaiu há séculos, e necessita, para reviver, do sentimento inquieto de um *eu* aqui e agora”. A busca por esse “passado remoto”, faz com que o *eu lírico*

procure pela cidade autêntica, forte, simples. A Lisboa que se quer encontrar, como mencionado anteriormente, é a que vai além do visível, é a que resistiu à passagem do tempo, que permaneceu intacta, fiel às suas raízes. É o que se percebe no seguinte trecho:

Pela suave tarde, quererão que vejas os pardais crepitando nas árvores e as finas senhoras esquecendo-se do dia entre chávenas perfumosas, tomando nos vagos dedos displicentes essas gulodices tradicionais, como jóias tênues: a filigrana dos doces de ovos, o camafeu das amêndoas, esses retratos da ilusão que são os transparentes pastéis, desfeitos ao mais brando toque. Mas tu verás tudo isso e caminharás, sem querer, para os bairros ásperos, cujos habitantes dirias estarem ali desde o mais remoto passado, bruscos e imortais, com o seu copo rústico de vinho denso, e a sua sardinha lourejando no azeite. Tudo tão forte, tão autêntico, que a própria vulgaridade tem estilo e beleza, e se une diretamente à nobreza mais alta, sem trânsito pelo janotismo supérfluo, pelo artifício casquilho e anedótico de alguns salões. (MEIRELES, 1998, p. 235).

A beleza da “filigrana dos doces de ovos” encanta a cronista, porém o que a arrebatava é a “sardinha lourejando no azeite”, os “bairros ásperos” com habitantes “imortais”, a autenticidade que emerge em meio ao “janotismo supérfluo”. Aqui, mais uma vez se reforça a ideia de que o olhar ceciliano sempre busca ir além da aparência, da superficialidade das coisas, procurando uma observação mais profunda e menos óbvia do que a cerca.

Ao anoitecer, Lisboa se transfigura, tudo adquire um ar sombrio, afinal a noite é o momento propício para lembrar de todos os que estão excluídos do império diurno. Dessa forma, afirma a cronista: “Dorme Lisboa com seus fantasmas de reis, de descobridores, de mártires, de gente afogada em cataclismos, esartejadas em forcas, festejada com esplendor que jamais se repetirá.” (Ibidem, p. 236) Em meio à presença de seres que emergem das sombras, o que reina em meio à noite é o silêncio, um “[...] silêncio tão aconchegado que os doentes dos hospitais é como se não sofressem, e perguntas até por que haverá sentinelas à porta da cadeia calada”. (Ibidem).

A noite torna-se, então, o momento ideal também para o surgimento dos sonhos, afinal, como afirma Leila V.B. Gouvêa (2008, p.101), referindo-se à noite ceciliana, “[...] vale lembrar que para Schiller a escuridão é apropriada ao sublime, uma vez que nos entrega ‘ao pleno poder da imaginação’”. Dominada pelo “poder da imaginação”, a cronista se põe a refletir sobre o fato de

que são naquelas horas mortas que “cada um vai começando a sonhar o sonho que pode”, e tais sonhos são os mais diferentes possíveis:

[...] Há o sonho dos jardins públicos, da soleira das portas, dos lampiões, discretos: livre sonho sem limites como no princípio do mundo, quando não havia paredes nem tetos [...] Há o pequeno sonho dos pardais, debaixo das asas, por cima das árvores, e o oscilante sonho dos peixes ao longo do rio, do rio acordado, do rio sem pausa nem esquecimento, sem ontem nem dia seguinte, guardando a sua cidade, rondando todos os sonhos, construindo e reconstruindo, num ritmo certo, seu corpo esbelto e sem cansaço. (MEIRELES, 1998, p. 236).

A crônica adquire aqui uma musicalidade e um lirismo que reforçam sua carga poética. Ao imaginar os diferentes sonhos que povoam a Lisboa adormecida, a cronista busca um maior acesso ao invisível, alcançando em seu texto um plano mais mítico e onírico. Nessa descrição poética da cidade lusitana, Lisboa também é formada pelo sonho de cada um e esses são guardados (assim como a cidade) pelo rio, que permanece acordado “vigiando” o lugar.

No momento seguinte do texto, o dia amanhece e o *eu lírico* percebe, ainda com mais nitidez, a grandiosidade das terras, a força que emana do lugar:

Ficas deslumbrado na névoa matinal, perdido entre os azulejos que começam a despertar, um a um, e são olhos de todas as cores mirando o céu e espelhando o dia. De todos os lados recibes esses olhares, esses lampejos. Principias a recordar as mãos que numa hora sem data suspenderam para sempre essas pequenas lembranças eternas em redor da encaracolada cidade. Principias a recordar as mãos que marcaram cada pedra da sua construção com essa forma simples e forte como a que o dono prega a fogo no lombo de suas reses. Sentes em redor de ti o poder e a graça; o peso de um velho destino épico e a airosa leveza de uma luz que, sobre o severo passado, desenha uma asa quase frívola. (MEIRELES, 1998, p. 237).

Nota-se que a cronista preocupa-se em frisar que, se Lisboa tornou-se um lugar encantado, isso se deve graças ao esforço de milhares de homens, que no passado ajudaram a construir a cidade e a formar a história gloriosa do país. Assim como cada sonho ajuda a moldar a forma do lugar, cada homem que cumpriu seu destino (fosse ele grandioso, trágico ou banal) ajudou

a constituir todo aquele encanto que a poeta tenta destacar. Apesar do tempo apagar as faces desses heróis lusitanos, o trabalho e o esforço de cada um permanece vivo naquilo que construíram. É assim que o passado histórico acaba por ser recuperado nas crônicas de viagem de Cecília Meireles, como afirma Margarida Maia Gouveia (2007, p. 113), “[...] na descrição de novos espaços, Cecília faz valer a História ou neles integra elementos míticos ou imaginários que afirmam o ilimitado da vida contra uma experiência que a cada momento reafirma o real da morte”.

Apesar do esforço para encontrar elementos que comprovem a resistência à passagem do tempo, consciência da brevidade das coisas ainda se faz sentir. Dessa forma, o viajante ceciliano demonstra que, ao mesmo tempo em que se interage com a paisagem deslumbrante, tem-se a certeza de que também dali será preciso partir, que há outros caminhos a serem percorridos. Ao encerrar o texto, a cronista deixa claro que Lisboa é um lugar do qual se parte (como de todos os lugares na vida) mas, excepcionalmente, é um lugar ao qual se deseja ardentemente retornar:

Tens vontade de estar em todas as varandas, de olhar a paisagem por todos os lados, de avistar os caminhos que desaparecem longe de ti. Que está para acontecer? A quem esperas? Tens vontade de ficar agarrado a esse caramujo de nácar, de percorrer sem descanso os seus recessos – e ao mesmo tempo sentes o rio – ah! o rio... – e tens vontade de partir, de descer pela onda azul que vai baixando, degrau por degrau, até a praça rumorosa do oceano. Vontade de partir para tornar a voltar... (MEIRELES, 1998, p. 238).

O desejo é o de interagir ao máximo com a paisagem avistada, o futuro é incerto, mas o *eu lírico* sente-se inundado pelo desejo de deixar-se levar, sem rumo certo, à maneira do viajante baudelairiano visto anteriormente. O que o impele a tal desejo? Novamente a presença do rio, da água, símbolo do que é passageiro, do que é efêmero, semelhante à própria condição daquele que viaja, que vive apenas instantes em um lugar e logo se põe a partir. O impulso de partir, deixando-se levar pela “onda azul”, vem acompanhado por sentimentos conflitantes: quer-se partir para se tornar a voltar, ou seja, o desejo de regressar é um sentimento imediato daqueles que se deixam levar.

Conclusão: Viagem e êxtase – a Lisboa encantada de Cecília Meireles

Percebe-se que a observação e o encantamento diante de Lisboa são inexplicáveis ao próprio admirador. Assim como as gaivotas que, mesmo depois de verem o mundo, acabam por pousar em Lisboa, o *eu lírico* admite que também ele não sabe, não entende o que o atrai à cidade, sabe apenas que fica “extasiado”. (cf. MEIRELES, 1998, p. 238). E é exatamente esse estado de êxtase que Cecília Meireles, essa cronista viajante, passa ao leitor ao longo de sua crônica. Um êxtase diante de Lisboa e de tudo que o lugar lhe evoca, êxtase que a faz enxergar muito além do superficial, do empírico, do objetivo. Assim é que a água, para ela, evoca uma longa história de conquistas, as ruas ganham personagens de outras épocas, as casas ganham vida própria, tudo é redimensionado e adaptado a um olhar mais investigativo, lírico e imaginativo. Um olhar que busca resgatar aquilo que de mais eterno a cidade possui, que procura vencer a ação esmagadora do tempo, encontrando nela os elementos que lhe resistiram. É assim que Cecília conseguiu vencer a própria efemeridade da crônica, concedendo-lhe traços que ultrapassam as fronteiras temporais e encantam em qualquer época.

Margarida Maia Gouveia (2007, p. 119) afirma: “[...] admirar, amar e meditar é uma sequência afetiva e intelectual que preenche as viagens reais de Cecília [...] O poder da alusão e das referências documentado nas crônicas faz dela uma escritora notável que medita sobre as culturas e a condição humana.” Acreditamos ser essa uma premissa verdadeira e que exprime o posicionamento de Cecília Meireles diante dos lugares que visitou ao longo de sua vida. Tal afirmação também se refere à sua relação com Portugal, pois, se desde a infância, Cecília aprendeu a admirar o país de seus antepassados, é natural que tal admiração tenha se transformado em amor ao longo dos anos, e já na maturidade, motivo de reflexão e meditação por suas relações históricas, sociais, culturais. Concordamos também que o maior mérito e prazer em viajar com Cecília, é refletir sobre a própria condição humana, condição passageira e viajante de todos nós.

Referências

AZEVEDO; Filho, Leodegário A. Sobre a obra em prosa de Cecília Meireles – ensaios e conferências. In: GOUVÊA, Leila V.B. (org.) **Ensaio sobre Cecília Meireles**. São Paulo: Humanitas; Fapesp, 2007

Karla Renata Mendes

- BAUDELAIRE, Charles. **Les fleurs du mal**. Livro, 2007
- BENDER, Flora; LAURITO, Ilka. **Crônica: história, teoria e prática**. São Paulo: Scipione, 1993
- BOSI, Alfredo. Em torno da poesia de Cecília Meireles. In: GOUVÊA, Leila V.B. (Org.) **Ensaio sobre Cecília Meireles**. São Paulo: Humanitas; Fapesp, 2007
- COUTINHO, Eduardo. A crônica de Rubem Braga: os trópicos em palimpsesto. **Revista SIGNÓTICA**, v. 18, n. 1, p. 43-57, jan./jun. 2006
- GOUVÊA, Leila V. B. **Cecília em Portugal**. São Paulo: Iluminuras, 2001
- _____. **Pensamento e “lirismo puro” na poesia de Cecília Meireles**. São Paulo: Edusp, 2008
- GOUVEIA, Margarida Maia. As viagens de Cecília Meireles. In: GOUVÊA, Leila V. .B. (Org.) **Ensaio sobre Cecília Meireles**. São Paulo: Humanitas; Fapesp, 2007
- IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade: mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000
- MEIRELES, Cecília. **Crônicas de viagem**. Vol.1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998
- _____. **Crônicas de viagem**. Vol.2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999
- _____. **Poesia completa**. vol.1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001
- NEVES, Margarida de Souza. História da crônica. Crônica da história. In: RESENDE, Beatriz (Org.) **Cronistas do Rio**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995
- NITRINI, Sandra. Viagens reais, viagens literárias: escritores brasileiros na França. **Revista Literatura e Sociedade**, São Paulo: FFLCH/USP, n.3, p.43-50, 1998.
- OLIVEIRA, Ana Maria Domingues de. «Diálogo com a tradição portuguesa». In: GOUVÊA, Leila V.B. (Org.) **Ensaio sobre Cecília Meireles**. São Paulo: Humanitas; Fapesp, 2007
- PIMENTEL, Thaís V. C. **Viajar e narrar: toda viagem destina-se a ultrapassar fronteiras**. *Varia Historia*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2001
- SANCHES; Neto, Miguel. Cecília Meireles e o tempo inteiro. In: MEIRELES, Cecília. **Poesia completa**. vol.1. Org. Antonio Carlos Secchin. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001
- SZKLO, Gilda Salem. Drummond e Bandeira, os cronistas-poetas. In: RESENDE, Beatriz (Org.) **Cronistas do Rio**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995
- TODOROV, Tzvetan. Viagem e seu relato. **Revista de Letras**, São Paulo: Unespe, v.39, p.13-24, 1999,

Recebido para publicação em 27 abril 2009.
Aceito para publicação em 25 outubro 2009.